

José Ferreira Borges. — Desenho de Nogueira da Silva. — Gravura de Baracho.

O SEMANARIO DOMINICAL

AOS SEUS LEITORES.

A empreza d'esta folha enceta como tentativa, sem lhe alterar a indole, introduzir-lhe alguns melhoramentos. Ligeira, amena, expurgada de interesses politicos, inda quando não consiga accender enthusiasmos em seu favor, leva pelo menos segura a certeza de ser em todas as casas bemvinda, pelo seu genio inoffensivo, amante e folgasão.

Parece-nos que em o tentarmos não andámos muito mal aconselhados: assim boas fadas nos auspiciem a obra, e lhe bafejem com o favor publico duração bastante, para chegar áquelle grão de merecimento relativo, que, sem uma certa experiencia e bastante perseverança, se não attinge, por mais que aliás se conte com a propria vontade, como nós, e, como nós tambem, com a fiel collaboração de muitos e bons engenhos.

Releva que chanmente vos exponhamos o porque e o para que d'esta inesperada e oxalá que não de todo esteril superfetação, na já immensa e rumorosa arvore do jornalismo portuguez.

Pareceu-nos que assim como o homem não vive só de pão, o espirito da sociedade se não podia alimentar exclusivamente da politica; não obstante comprehenderem-se, sob a denominação de politica, os mais avultados interesses de contemporaneos e vindouros, e se jogarem, n'este confuso drama, em que todos são espectadores e actores, quasi todas as paixões que mais senhoream e arrebatam. Satisfeitas, se jámais se podessem satisfazer, as ambições e as utopias dos reformadores (que todos hoje o somos, e devemos ser), restava contentar outras cubiças innatas, ainda mais da natureza, e mais universaes do que essas, pois residem sem excepção em todos os individuos; nasceram, cresceram e perpetuam-se com a sociedade; medram e se propagam em todas as latitudes, em todos os climas; arraigam-se na super-

ficie, ou no amago de todas as religiões; dão-se com todas as crenças, com todas as seitas, com todos os governos; não exceluem edade, nem sexo, nem fortuna; dominam nas cidades e nos campos; acompanham-nos na saude e na enfermidade, na patria, na viagem, e no desterro; fazem-se servir pelas horas do dia, e pelas da noite, por todas as estações, pela terra e pelo firmamento, pelas memorias do que foi, pelas esperanças do que ha de ser, pelas impressões do que está sendo. Todos vêem que nos referimos ao unico objecto que, apodado muitas vezes de frivolo, é todavia d'entre todos, n'este mundo de disputas, o menos disputado, o mais de vontade servido, e o que, sob aspectos sempre cambiantes, se conserva perennemente identico em sua essencia, a saber: o pendor innato da alma humana para os prazeres.

Foi em obsequio a elles, que a summa sciencia, e summa sabedoria, depois de impor á creação todo o seu profundo codigo de leis constitucionaes, organicas, e administrativas, lhe envolveu tudo em formosuras e alegrias. Cada cousa foi mandada trabalhar para um fim especial, caminho e meio para outro fim occulto, e sem duvida magnifico; mas cada cousa no meio do seu trabalho recebeu como viatico, salario, conforto e nexo, que a todas as demais a consociasse pela sympathia, recebeu, dizemos, um raio de poesia interior, uma linguagem de encantos, que em umas creaturas foi de sons, em outras de côres, em outras de fórmas, em outras de fragrancias, em outras de sabores, em outras de movimentos; aqui de correspondencias, além de opposições.

O ceo veste-se de magnificencia d'azul e estrellas, para namorar a terra; a terra traja o seu manto verde bordado, perfuma-se, coroa-se de grinaldas, suspira e canta, para o ceo e para si mesma como esposa feliz, em quanto o mysterioso trabalho da sua infinita reproducão a occupa, a desvela, a felicita.

Diante d'estes modelos omnipresentes, o homem inspirado por elles, e creador depois de Deus, produz, tambem elle, do seu verbo intimo, de envolta com as sciencias que prescrutam a natureza, e com as artes uteis que a transformam, as artes bellas que a espelham e a idealisam.

As artes tendentes a enfeitiçar a nossa existencia terrestre, fugaz e trabalhosa, não estão concentradas nas officinas do estatuario e do pintor, no gabinete visionario do architecto, na camara rescendente da florista; não é tudo metamorphosear a materia bruta em heroes e deuses, em palacios e templos, em illuminadas scenas da historia, ou em jardins que nunca murcham. A familia dos Orpheus e dos Verdis tira do nada um universo de melodiosas harmonias; universo que apenas creado se esvaece, mas que per si mesmo se póde multiplicar ao infinito.

A dança, a mimica, e o drama, vem ainda pleitear palmas n'estes certames olympicos dos genios.

E que são todos esses prestigios? não serão outras tantas homenagens á grande divindade terrestre, ao prazer?

Não é tudo; o culto do prazer não se limita n'essas manifestações pomposas, que exigem o concurso do genio e da opulencia, e como taes, são arvores de Tantalo, para a immensa maioria. O pobre, o serrano, o religioso, o preso, o soldado no quartel, a avó caduca fiando ao cantinho da lareira, todos os menos bem herdados da sorte se voltam por algum lado do espirito, para o prazer, e lá se alam para elle conforme podem; lembram a herva agreste, nascida no fundo do fojo, que serpêa e se alonga terra acima á cata de um raiosinho d'aquelle divino sol, que sobeja ás flores dos jardins, e ás arvores das montanhas.

É para que aos pobres, e aos ausentes, e aos encarcerados, cheguem, ao menos reflexos, os prazeres da sociabilidade, que a litteratura, este polen fecundante dos espiritos em flor, se augmenta de dia para dia, e aspira a universalisar-se, e ha de conseguil-o finalmente.

A conversação, por derradeiro, convivencia da familia entre si, e da familia com as familias; a conversação, que é para tantos o seu unico theatro, a sua unica philarmonica, a sua unica litteratura; que é ella, esta maravilhosa e bonissima cousa, a conversação que é, senão a mais natural, a mais antiga, a mais incondicionada, a mais absoluta e a mais universal de quantas festas se endereçam ao prazer?! É porque na conversação está a miragem de todo o mundo visivel e invisivel, do que foi, do que é, do que ha de ser, do que póde ser. Para o banquete da conversação contribuem o entendimento, a memoria, a phantasia, os gostos, os interesses, os affectos de cada um. Activos e passivos ao mesmo tempo, todos dão, e todos recebem; dão alguma cousa; recebem muito mais. Aprendem-se os homens, aprende-se a vida, aprende-se o trato, aprende-se a benevolencia, dilata-se o coração, fogem as horas não contadas, nascem ou melhoram-se as amizades, semeiam-se ou reverdecem, ou robustecem-se os amores. É tal, tão evidente, tão incontestavel o encanto da conversação, que muitas vezes a vemos levantar-se, antes que ella mesma possa prever o seu assumpto. Muitas outras a sentis papear em mais de um camarote, em mais de um banco da opera ou da comedia, ousando antepor-se como deleite aos arrobamentos do canto inspirado, ou do dialogo patetico ou chistoso.

O acatamento do palacio e do templo não a suffoca totalmente; e a mais atroz de todas as penas phantasiadas para supprir o homicidio patibular, é o silencio; o silencio, morte anticipada; o silencio, veneno mortifero para a razão.

Temos, pois, que além de todos os outros recreios, mais ou menos artificiaes, mais ou menos custosos, mais ou menos privilegiados, este da conversação vem espontaneo mesclar-se como diversão, e como estimulo, com todas as occupações mais graves, com todas as lidas mais pesadas e mais repugnantes do viver positivo. Logo, dizemos nós, o jornal só será completo, quando, reconhecendo a irrevogavel lei do prazer, consociar aos seis dias operosos e tristes de cada semana, um, quando mais não seja, em que o animo lance fóra uma de suas cãs, se desquite de cuidados, e se estenda sobre uma pouca de verdura florida, para respirar ares novos que o refocillem. Pretenderia o jornalismo ser mais severo que a religião, que prohibindo ao domingo as canceiras hebdomadaes, o deixou livre para as diversões e passa-tempos?

O *Archivo Pittoresco*, semanario dominical, deixando aos seus numerosos irmãos diarios politicos o encargo dos negocios austeros e aridos, que lhes não inveja, é similhante ao operario, que ao domingo fecha a officina e dá costas á cidade, para se ir espairecer com os amigos pelas quintas do arrabalde, d'onde traz flores para a mulher, fructos para os filhos, saude para si, e sonhos viçosos para toda a semana.

O nosso empenho é acabarmos por nossa parte com o monopolio politico-masculino-sensaborão do periodico. N'uma folha arripiada d'actos officiaes, de sessões, de polemicas, poucos são já hoje os homens que empreguem mais de cinco minutos; das senhoras então nenhuma lhe põe os olhos, e as crianças só a cubiçarão para estalos ou chapeos armados.

Esta, se os bons desejos a não enganam, tem a presumpção de que ha de ser lida, talvez em partes relida, pelos paes, pelos filhos, pelas mães, e pelas filhas. Porque? Porque o seu negocio exclusivo é o divertimento. DIVERTIMENTO E VARIEDADE, eis-aqui a sua divisa e o seu programma.

As provincias, as aldeias, não tem menos direito á leitura do que as cidades, e necessitam-n'a muito mais. Em muita casa provinciana, os domingos e os serões, com especialidade os de inverno, ainda hoje se entretem muito innocentemente com historias e contos, com jogos de prendas, com danças cantadas, com a recitação de versos, com charadas e enigmas. De tudo isso lhes ha de levar quanto podér o *Semanario dominical*, e pouco se lhe dará dos fastios e motejos dos politicos empedernidos e sem domingo; esses que lhe não toquem muito embora; muito mais se quer elle com as damas, e gente moça e folgasã. Tres vezes afortunado, se consegue carear-lhes sympathia em troca de algumas horas que lhes desperte menos abhorridas.

Este fim, mesmo imperfeitamente conseguido, já se poderia reputar bastante; mas outro temos nós ainda em vista, que não é menos attendivel; e vem a ser: attrahir com o exemplo e concitar com a emulação os engenhos bem nascidos para a litteratura e para a poesia, a virem, quando lhes aprouver, trazer o seu prato, ou o seu ramilhete, a este convivio, ordenado sobre tudo para as damas e para os meninos.

Felizes nós se com esta especie de *saráos artisticos e poeticos*, já que outros não tem podido pegar n'este sequeiro litterario de Portugal, grangearmos para algum novo poeta que por ahi esteja nascendo, o favor do sexo que por instincto comprehende e aprecia o bello.

A esse favor é que se póde applicar em cheio o verso do poeta

«O favor com que mais se accende o engenho.»

A. F. DE CASTILHO.

JOSÉ FERREIRA BORGES.

I.

Convidado para escrever algumas linhas, destinadas a acompanhar o retrato d'este homem illustre, um dos vultos mais notaveis da nossa historia coeva, ardua seria por certo a minha tarefa, se outra penna, manejada por mão mais habil, me não tivera de muito precedido n'esta empreza, deixando-me no seu trabalho, magistralmente elaborado, uma fonte abundantissima a que soccorrer-me, para tirar sem esforço as memorias e subsidios de que necessitava. O meu mister, como que se reduz n'este caso a encurtar as dimensões do quadro, sujeitando-as aos limites de que é possivel dispor, e segundo o comportam as proporções do jornal. Pouco mais farei na minha exposição que resumir a narrativa, e já não será pequena difficuldade a de saber decidir-me, em tal abundancia de materia, na escolha dos factos e circunstancias, que por mais caracteristicas devem principalmente recommendar a memoria do nosso patricio, quer na qualidade de profundo jurisconsulto, quer na de intelligente e decidido homem de estado, quer finalmente na de escriptor publico de mui subidos quilates.

José Ferreira Borges nasceu na cidade do Porto a 6 de junho de 1786, e foi o primeiro fructo da união de seus progenitores. Seu pae, honrado burguez, que exercia na dita cidade a profissão de armador, recolhia d'esta meios sufficientes não só para a manutenção de uma numerosa familia, mas para dar a seus filhos educação esmerada, e conforme aos diversos misteres para que os destinava. Desde os primeiros annos transluziram no primogenito taes mostras de talento comprehensivo pouco vulgar, e tão pronunciada vocação para os estudos, que determinaram o pae a fazel-o entrar na carreira litteraria.

Doutrinado successivamente nas disciplinas elementares que constituiam o curso chamado de humanidades, o joven Ferreira Borges applicára-se não menos á lição dos escriptores que no idioma vernaculo gozam da merecida reputação de classicos, tanto em prosa como em verso; e manifestava já uma natural propensão para a poesia, de que no futuro estudos e cuidados mais sérios o arredaram em parte, sem que comtudo lhe obstassem a que por distracção a cultivasse uma ou outra vez, quando lh'o consentiam as fadigas do espirito, absorvido quasi sempre em laboriosas meditações, ou occupado de negocios de mais elevada transcendencia.

Aos quinze annos de edade partiu para Coimbra, e matriculou-se no primeiro anno do curso juridico da universidade, em outubro de 1801, preferindo seguir depois a faculdade de canones, ao que se julga por indicação e conselho de um lente da mesma, a quem viera por sua familia recommendado. Concluido em tempo competente, com distincção e applauso dos mestres e condiscipulos, o curso a que se destinára, recebeu n'elle em 1805 o grão de bacharel, e no anno seguinte fez a sua formatura. E posto que então obtivesse as melhores informações, que o habilitavam para seguir a vida da magistratura, declinou esta, preferindo-lhe a de advogado, e resolveu estabelecer-se como tal na sua terra. Assim o realisou no anno de 1808, casando-se pouco tempo depois.

Entrando no exercicio e pratica do foro, começou a dar-se especialmente ao estudo profundo do direito commercial, ainda pouco cultivado em o nosso paiz, com o designio de firmar a sua reputação n'este ramo da jurisprudencia. Viu coroados os seus desejos, pois chegou pelo tempo adiante a ser considerado como o primeiro jurisconsulto em materias commerciaes, não só no Porto, mas ainda em todo o reino. A amenidade de sua conversação, seus vastos conhecimentos em litteratura, talento poetico, affeição e gosto pela musica, tudo concorria para adquirir-lhe o trato e convivencia das pessoas mais conspicuas da cidade.

Sobreveiu entretanto a invasão do exercito francez commandado por Soult em 1809. Este general (em cuja mente andava, segundo se affirma, o projecto de cingir a coroa de Portugal, realisada que fosse a conquista do reino) começando a intender nas cousas da administração publica, sentia a necessidade de cercar-se de homens, que merecendo a confiança de seus compatriotas, podessem coadjuval-o na expedição dos negocios da governança. Foi-lhe indicado entre outros o nome de Ferreira Borges, e para logo o nomeou auditor da secção do interior junto ao ordenador em chefe do exercito. Acceitou o nomeado o cargo que lhe destinaram; porém soube tirar partido d'elle para prestar a seus concidadãos todo o serviço que pôde, quer directa, quer indirectamente, em tão procellosa conjunctura. Por sua diligencia e industria conseguiu até salvar das garras dos francezes o importante cofre do deposito publico, que encerrava em si não menos de 250:000$000 réis em especies metallicas e objectos preciosos. Este e outros serviços tornaram-se tão notorios, que a elles deveu de certo atravessar incolume o periodo subsequente, quando o furor popular se desencadeou contra todos os que, com razão ou sem ella, eram suspeitos de adherencia ao partido francez, alguns dos quaes foram brutalmente sacrificados como victimas inermes nas commoções tumultuosas que se seguiram á evacuação da cidade pelas tropas invasoras.

Proseguindo o nosso jurisconsulto na sua carreira, tendo sido nomeado advogado da relação do Porto em 6 de agosto de 1811, e secretario da junta da companhia dos vinhos do Alto-Douro em 22 de janeiro de 1818, reunindo a estas funcções as de syndico da camara municipal da referida cidade, achava-se já collocado em uma situação assaz honrosa e independente, que lhe proporcionava sobrados meios não só para viver com abastança, mas para accumular, se quizesse, consideraveis cabedaes para o futuro. Teve porém de sair d'esta vida tranquilla para obedecer aos impulsos de um destino providencial, que o chamava a figurar mais notavelmente nas cousas do seu paiz; e abalançou-se a conceber e traçar projectos de maior alcance, taes que na execução d'elles ia desde logo arriscada a sua cabeça.

Somos pois chegados á epocha, que antecedeu de perto o dia 24 de agosto de 1820. O desgosto e a inquietação lavraram surdamente nos animos dos portuguezes, e o descontentamento tornára-se quasi universal, ao verem o erradissimo trilho que seguiam os negocios publicos do paiz. O reino, convertido de metropole em colonia, definhado e sem esperanças de melhoramento; o governo entregue a uma regencia, que, surdos os ouvidos ás representações, e inhabilitada de fazer o bem, só tinha as mãos libertas para obrar o mal; e que era ainda subjugada pelos caprichos de um general estrangeiro, collocado no mando supremo do exercito, e investido de poderes pouco menos que discricionarios; o mesmo exercito, mantido em pé de guerra, com enorme sacrificio da agricultura, e dos recursos do já exhausto thesouro, e cheio de officiaes inglezes de toda a graduação, que por medida injustificavel se conservavam depois de finda a guerra; o provimento de todos os cargos e logares, por mais insignificantes que fossem, dependente da corte do Rio de Janeiro, onde os pretendentes tinham de ir sollicital-o atravez do Atlantico, com pesado sacrificio de tempo e de dinheiro; todos estes males, e muitos outros, cujos effeitos se faziam sentir, e de que uma penna eloquente e persuasiva traçou o quadro no energico manifesto de 15 de dezembro de 1820, tornavam inevitavel uma crise, que as circunstancias apressavam de dia para dia.

As idéas de reforma na administração do estado iam ganhando incremento; e os espiritos mais attentos e reflexivos viam o remedio unico de taes calamidades na prompta destituição da regencia, e no chamamento e convocação de um congresso, onde os votos da nação e as necessidades publicas fossem expostos com franqueza, e attendidos devidamente. A primeira tentativa que n'este sentido se emprehendeu em Lisboa abortára comtudo, quasi á nascença, denunciada por individuos que a ella se haviam ligado com o fim premeditado de atraiçoal-a; e a horrorosa carnificina de 18 de outubro de 1817 enchendo de terror os habitantes da capital, parecêra desviar para longe, e talvez por muito tempo, a tempestade sobranceira.

Outra cousa bem diversa aconteceu. Não era ainda de todo dissipado o fumo que se erguêra das terriveis fogueiras do campo de Santa Anna, quando na cidade do Porto dois homens de caracter firme e corajoso, e dotados de maior sagacidade, se decidiam a levar por diante a empreza mal succedida, em que seus desgraçados correligionarios de Lisboa acabavam de succumbir tão miseravelmente. Um d'elles chamava-se Manoel Fernandes Thomaz, então desembargador da relação da referida cidade, a quem, talvez para realce da sua gloria e credito vindouro, faltou a vida no momento em que mais consolidado se julgava o edificio por elle architectado e dirigido; o outro era o advogado José Ferreira Borges, que sobrevivendo á primeira catastrophe, tinha de passar longamente por diversas vicissitudes da fortuna.

Estes dois homens, que a esse tempo viviam ligados por vinculo de estreita amizade, abriram-se reciprocamente seus pensamentos, e concertaram entre si o modo de pôl-os por obra. Isto se dava em fins de dezembro de 1817, e já em 22 de janeiro do anno seguinte se installava o denominado synedrio, a que n'esse dia se aggregaram José da Silva Carvalho, e João Ferreira Vianna (este o unico de todos que na empreza figuraram, que sobrevive ainda hoje aos seus companheiros, e exerce desde 1834 o logar de escrivão da mesa grande da alfandega de Lisboa). Ferreira Borges foi encarregado de organisar os estatutos da associação, que depois cresceu até ao numero de treze, pela successiva admissão de novos membros, propostos e escolhidos nas classes do commercio e da magistratura, e por ultimo na dos militares de primeira e segunda linha.

Não sendo do meu proposito relatar agora os trabalhos d'aquelle corpo (que o leitor póde ver descriptos miudamente nas *Revelações e Memorias para a historia da revolução de 24 de agosto*, escriptas pelo socio José Maria Xavier d'Araujo, ha poucos annos fallecido no Porto), bastará dizer que Ferreira Borges continuou a desenvolver a maior actividade no curso de tão arriscado negocio, e que prestou ao synedrio os mais importantes serviços, concorrendo pessoalmente para a acquisição de alguns officiaes militares, cuja reluctancia se encarregou de vencer, conseguindo que elles tomassem parte na execução do projecto, e sujeitando-se para isso aos perigos, que são bem de presumir.

Foi mister accelerar a execução do plano mais do que se esperava, anticipando-a, para o não ver de todo frustrado, por inconvenientes que occorreram; e destinou-se para o rompimento a madrugada do dia 24 de agosto de 1820. Reunido na noite antecedente o conselho militar, composto dos coroneis Cabreira e Sepulveda, dos tenentes coroneis Gil e Berredo, e dos majores Pimentel e Cardoso, n'elle compareceu José Ferreira Borges, commissionado pelo synedrio (ao qual dos militares presentes apenas pertencia o coronel Sepulveda, entrado em 18 do dito mez). Ahi entregou as duas proclamações que redigira para serem lidas ás tropas, bem como uma nota indicativa das pessoas, que deveriam fazer parte da junta provisional do supremo governo do reino. Depois de tudo approvado, separaram-se, dirigindo-se cada um para onde lhe cumpria, a fim de se dar execução ao ajustado. Os chefes militares marcharam com os seus corpos para o campo de Santo Ovidio, e proclamada a revolução, vieram para os paços do conselho, para onde haviam convocado a camara, as auctoridades civis, militares, e ecclesiasticas, e as pessoas notaveis da cidade. Propoz-se, e foi approvada pela assemblea a lista dos cidadãos, que haviam de compor a junta do governo, e d'ella ficou fazendo parte Ferreira Borges, na qualidade de secretario com voto. E foi elle mesmo que dictou a acta da vereação da camara, como syndico que era.

Constituido o novo governo, houve então opportunidade para avaliar a esphera da aptidão de José Ferreira Borges, bem como até onde se estendia a actividade do seu genio, na minuciosa attenção com que se prestava ao expediente de tantos e tão intricados negocios e occurrencias, que demandavam todo o seu cuidado. Dizem os que de mais perto o trataram n'este periodo notavel da sua vida, que desde os dias anteriores ao 24 de agosto até que entrou com a junta em Lisboa no 1.º de outubro, raras foram as noites em que pôde dormir na cama, e mui poucos os instantes que teve de socego, sendo presente a todas as deliberações do governo, dictando as ordens de execução nas repartições a seu

cargo, e propondo, na qualidade de secretario, muitas e importantes medidas, que então foram adoptadas.

O que mais admira é, que, opprimido com o peso de tão graves cuidados, lhe restasse em suas vigilias a placidez de espirito necessaria para dar-se ao trato das musas, compondo por essa occasião algumas poesias allusivas aos successos do tempo, as quaes foram recitadas no theatro, e impressas em papeis volantes, sob o pseudonymo de Josino Duriense. D'entre as que tenho presentes, e que estou bem persuadido serão totalmente novas para a quasi totalidade dos leitores, não resistirei ao desejo de transcrever aqui uma: menos por ser um specimen de sua maneira e estilo poetico, que por servir de indispensavel commento, ou explicação do facto, a que allude o seu consocio Xavier d'Araujo nas *Revelações e Memorias* já citadas, pag. 35. Eis-aqui, pois, o pomo de discordia que provocou as iras de Manoel Fernandes Thomaz, e causou entre ambos tal indisposição, que nunca mais se reconciliaram completamente.

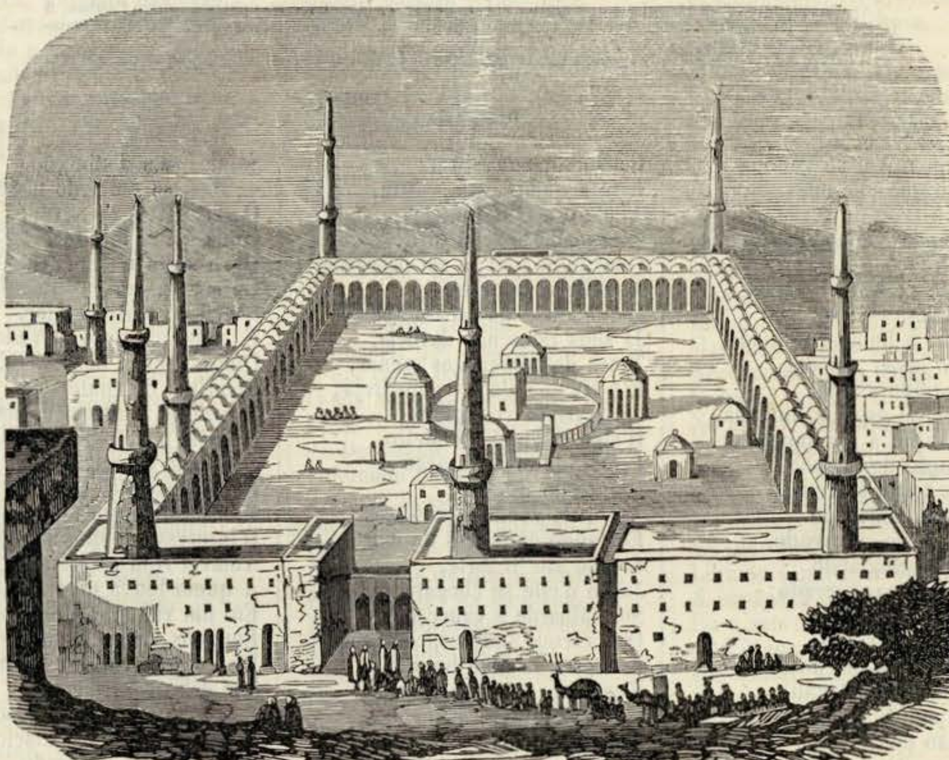
ODE Á PATRIA

Recitada no theatro do Porto.

Oh patria! oh berço d'heroismo, e d'honra!
Oh patria! oh cara patria! O ser me déste,
Déste-me um coração, que tu formaste,
Eu tudo hoje te entrego.
Ahi tens a vida, e ella a vingar-te prompta:
Cumpre vingar os teus direitos lesos;
Cumpre despedaçar do jugo as molas;
Ahi tens o braço, e o peito;
Oh patria! eu já não tenho mais que dar-te....
Se *João Pinto Ribeiro* um dia em trevas
Tramou de teu resgate o plano ousado,
Se intr'gou p'ra salvar-te;
Nas trevas caminhei; no espesso arcano
Eu fui tecendo o fio milagroso
Que urdiu a têa luminosa, e grande,
Que ovante te embelleza.
Oh patria! oh nume, em cujas aras se ergue
D'alma virtude o radioso busto,
Acceita o sacrificio voluntario,
Que um filho teu te offerta.
Em troco, oh patria, um só favor te peço;
Allumia a razão, que o medo embarga;
Varre a illusão; os filhos teus alenta,
E aqui findam meus votos.

(Continúa).

INNOCENCIO FRANCISCO DA SILVA.



Meca.

Esta cidade, que poderamos chamar a Roma ou a Jerusalem dos mahometanos, goza não só no Levante, mas em todo o mundo, de grande nomeada.

É, sem duvida, antiquissima, e não falta quem supponha que já d'ella sob outro nome se fizera menção no testamento velho. Tem para si Bellon, que é a *Petra* ou *Marraba* dos antigos. Latinos appellidaram-n'a *Meccha*, e italianos *la Meccha*. *Om-el-Kora*, ou *Mekka* ou *Bekka* a dizem arabios, que em sua lingua vale tanto como ajuntamento, á conta do grande numero de romeiros que lá acodem em caravanas annualmente.

Jaz cêrca do riacho Betio, ou Chaïbar, na lingua dos da terra, arredada quarenta e seis kilometros do mar Vermelho, e assente n'uma valleira toda cercada de montes, sêcca e mal fecunda. Os arredores pouco mais dão que legumes, e se se lhes enxergam arbustos ou flores, de longe se lhes trazem e renovam custosamente esses enfeites. É cidade grande, bem calçada, e de trafego. Teve em tempos mais de cem mil habitantes; hoje não passa de trinta mil. Pela terem em conta de cidade santa, em que, segundo uns, nascêra, segundo outros, fôra sepultado Mafoma, defendem entrar n'ella infieis, e nem permittem se lhes acerquem a nove legoas em redondo.

No meio de Meca se levanta a mais famigerada mesquita de todo o Islamismo; conta esta passante de cem portas com outras tantas janellas; tem o tecto á maneira de zimborio, que se avista de longe, e mais longe ainda dominam duas alentadas torres que o ladeam mui formosas.

Para o recinto sagrado, que fica em parte subterraneo, se desce por dez ou doze degráos, e alli desfructam os olhos a mais esplendida magnificencia de dourados, armações e ornamentos de summo custo, especialmente n'um espaço que jaz sem tecto, e on-

de, segundo elles crêem, fôra outr'ora a casa de Abrahão. A entrada para alli é por uma portinha de prata de altura de um homem. Ao lado da porta fica uma capella, que se diz Turbé, na qual se encerra um poço muito fundo de agua salgada, que elles tem por tão de benção, a seu juizo, ou á sua falta de juizo, que, lavando-se com ella, logo se purificam de todos os seus peccados; em razão do que tem por costume, aos vinte e tres dias do nosso mez de maio, regarem-se mui devotamente com aquella salgadeira, que é um dos chamarizes que mais gente lá attrahe, até de partes remotissimas.

Em derredor da Mesquita se assoalha um sem numero de lojas, onde se vende quanto se póde cubiçar para delicias, ou necessitar para a vida, sendo notavel a fragrancia que por alli se aspira, emanada dos aromas finissimos, que em vasos preciosos estão namorando e seduzindo a compradores regalões.

Quando em nossas historias se lê muitas vezes, que tal ou tal náo ou armada se ía ao porto de Meca, ha de se entender que demandava o porto de Moçá, que é o mais achegado; pois quanto a Meca já dissemos ficava pela terra a dentro.

Affirmam que os turcos trasladaram os ossos de Mafoma de Meca para Medina, por se acautelarem do nosso grande Affonso de Albuquerque, o qual escorrendo a costa do mar Roxo, traçava saquear a cidade santa d'aquelles barbaros, com o que, a demais de colher um optimo despojo, já póde ser que houvera dado um tremendo golpe na cabeça d'aquella seita, irreconciliavel inimiga da christandade.

ESBOCETOS DE TYPOGRAPHIA HÙMANA.

ADVERTENCIA. — Todos conhecem, e muitos sabem de cór, os caracteres que o nosso amigo Cascaes, á imitação de Theofrasto e Labruyére tem composto e publicado, levando aos seus predecessóres a vantagem que sobre a prosa tem os versos.

O *Servil*, setimo d'estes seus typos, e ainda inedito, não ha de lograr menos fortuna que os seis precedentes.

O SERVIL.

Faz tedio, raiva, só vêl-o.
Outro do que elle mais vil,
Do que o typo do servil...
Não ha, não; vamos-lhe ao pêllo.

Esphynge de nova especie,
Não fabulosa — real,
De reptil, e homem formada,
Junto do poder creada,
Eis o sordido animal.
Desdouro da especie humana,
Que Deus fez á sua imagem;
Um coração de badana,
Brios de torna-viagem;
Diante d'auctoridade
Sempre curvo, derreado,
Seus actos elogiando
Com louvor exaggerado;
Batendo no coração,
E jurando convicção,
Conforme a ordem do dia:
Hoje sim, amanhã não;
De máo muito, e mais de vil...
Não é tão pouco o servil.
É mais, muito mais: — qual Jano
Dois modos, e caras tem.
P'ra cima — como ninguem
Cara alegre, e dobradiço
Mais que delgado canniço,
Que geme, varrendo o chão
Ao violento furacão;
P'ra baixo — carranca, empafia,
Ar de grande valimento,
Que não val a um por cento;
Fallas sêccas, sempre andando,
O costado endireitando,
Que, por não estar affeito,
Nunca fica bem direito.
— É mais: é sujo capacho,
Pisado por nobre... ou vil:
Com tanto, que dê *despacho*,
A mais não olha o servil.
Cobra, d'ascoroso aspecto,
De rastos, prompta a lamber
As migalhas do poder;
Se o pressente vacillante,
Começa-o a maldizer;
E se a quéda está segura,
Ajuda-o a bem-morrer,
E cava-lhe a sepultura!
Qual indio que ao sol nascente,
Ajoelha reverente,
E quando — no occaso apenas,
Já seus raios não dardeja,
Troca do respeito as scenas,
E o sol — villão! — apedreja;
Ou, retrato verdadeiro,
D'esse orelhudo sendeiro,
Prostrado em adoração
Diante do rei-leão;
Até que, vendo sem forças
Entrando as portas da morte
O leão até 'lí forte,
Junto d'elle se chegára,
Sem albarda e cabeçada,
Que escouç'ando espedaçára;
E depois de bom bocado
S'espojar, e ter zurrado,
Ao leão, que o protegêra,
Em paga, dois couces dera.
— Não escolhe gerarchias
O servil. — Por toda a parte,
Nas altas secretarias,
Na loja d'humilde artista,
Até na sciencia e arte,
Onde ha poder, — lá se avista.
Já discipulo incensando
Magistral opinião,
Que sáe fóra da razão;
É já, de capa e batina,
Beijando a mão do prelado,
Que maldiz, por outro lado:
Caixeiro, com pretenção,
A ser socio do patrão;
De banda á cinta — ordenança,
Sempre atraz do commandante,
Como prêso por barbante;
Ou pretendente, que apenas
Vê do ministro o carrinho,
Curvo — seu chapeo na mão,
De cortezias moinho,
Logo — ministro e cavallos
Saúda, sem distincção.
— Mas, se junto do poder
O servil tem de viver;
Onde maior elle for,
Deve ser a residencia
Do servil, por excellencia,
Servil de marca maior.
E, pois, em paço elevado,
Onde o servil doutorado,
Requinta de contorsões,
D'esgares, d'arremedilhos,
A paes, a netos, a filhos,
Seguindo as occasiões.
Respeitoso com senhores,
Mas nascido um tal respeito
D'interesse — que não do peito;
Amavel com os meninos,
A quem louva os desatinos;
Em fim ridiculo, e baixo,
Em seus variados papeis,
De que ora mesmo ouvireis,
Mal esboçadas apenas,
E a correr, algumas scenas.
— Eil-o, bobo de palacio
Pelos meninos cercado.
Um lhe ouriça o penteado,
Outro faz-lhe uma careta,
Um lhe puxa da casaca,
Leva d'outro cacholeta;
Fervem ditos, algazarra;
E o servil, feito pateta,
Corre, finge que os agarra;
Miudos passos andando,
Os sapatos arrastando;
Como em riso suffocado,
A que fôra provocado,
(Diz) o proprio rei dos serios,
Vendo *cotós* pequeninos,
Com chistes quasi divinos!
Logo suas mãos tomando,
Uma a uma, a todas beija,
E venturas lhes deseja.
As innocentes crianças,
Que d'interesse não cogitam,
Do sabujo n'amizade
Cada vez mais acreditam.

E mudando de maneira,
Continúa a brincadeira.
— Eis o menino mais velho
N'elle monta ás cavalleiras,
E ferrando-lhe os tacões,
O servil parte, ás carreiras,
Ora a trote, ora aos galões,
E assim percorre os salões.
Depois a scena do urso,
Que, ha dias, viram na praça,
E que tinha tanta graça,
Pedem todos, em voz alta.
O menino em terra salta,
E os lencinhos, uns nos outros
Já se prendem; — depois atam,
Como de cego o molosso,
O servil pelo pescoço;
Este faz d'homem do urso,
Aquelle toca tambor,
Outros cantam, assobiam;
E vêl-o, andando ao redor,
Em continua dobadoura,
A espaços, soltando um urro,
Menos d'urso, que de burro,
Abraçado a uma vassoura!
Altos gritos e palmadas,
Estridentes gargalhadas
Das crianças, vão soando,
O servil acompanhando;
Té que, de moido pára,
Mas faz-se de boa cara,
Disfarçando, em baixa homilia,
Força d'interna quisilia.
Eis pedem — repita ainda
Aquella scena tão linda,
A mais linda d'ellas todas,
Do... — Não posso. Tenho pena..
Responde elle. — Agora, agora!
Todos gritam, sem demora;
E a menina mais velhinha,
Fazendo-lhe uma festinha,
Diz que faça, senão chora:
Que a do cavallo e do urso
São bonitas: — mas bonita,
Sobre todas, a do porco.
E logo vêl-o, de bôrco,
Ao comprido estiraçado,
Sobre vasto aparador,
E as crianças em redor.
Elle grunhe, elle esperneia,
Hirta-se, caracoleia;
Ora direito, ora torto,
Porco vivo, porco morto,
É sangrado, chamuscado,
É raspado, esbandulhado;
E depois de pendurado,
Sobre o chão depositado.
E de ponto sobe a grita,
Quando o porco resuscita.
— Agora larga os pequenos,
Já composto, escarra, tosse,
Ensaia ditos amenos;
E vêl-o, a passos serenos,
A sala d'espera entrando,
Alto senhor aguardando.
Graduado comprimento,
Conforme seu valimento,
Aos que vê, dirige então;
E em voluvel posição,
Sôlta a vista pela sala,
Aquelle baixa a cabeça,
Já com este um pouco falla;
Mas sempre vago, indeciso,
Eil-o volta, d'improviso,
Para importante sujeito,
Ao qual rende agora preito.
— Chega, alfim, quem póde mais,
E o servil dobra, varía
Seus *tagatés* desleaes.
Das *contumelias* na escala,
Prefere o tom sobre-agudo,
Em gestos, modos, e falla;
Nos trocadilhos — em tudo,
Se a cabeça, uma só vez
Outros baixam — elle tres.
Beija o que muitos não beijam,
Com quanto melhores sejam;
E mais ainda beijára,
Se quem manda lh'o deixára!
Louvaminhas desentranha,
Que diz — tributos d'amor,
Mer'cidos por tal senhor;
Mas que são — tretas e manha,
Urdidas têas d'aranha,
Por ver, se mercês apanha.
Oh! graça, mercê, despacho!
Paraiso terreal
Do *servilino* animal.
Trindade, que não esquece,
E em cujas partes diversas,
O fim de suas conversas,
Lê só — lê sempre — interesse!
— De fingido — ardente zêlo
Querendo mais provas dar,
A quem lh'as póde pagar;
Do senhor a face augusta
Observa; — pasma, recúa;
Dá mostras de que se assusta,
Porque (diz) na face sua,
D'elle — do senhor, notára
Uma pintinha vermelha,
Picada, talvez, d'abelha,
Que não será nada — não...
Deseja-o — do coração —
Mas que — a prudencia aconselha,
Mas que — seu amor não soffre,
Se despreze — assim de chofre.
A incendio, ás vezes, se arrisca,
Quem despreza uma faisca!
E chama — obtida licença,
O medico, sem detença.
— Pelos do senhor, só mede
Parecer, fallas, e geitos.
Fazendo d'elles preceitos,
Irá contra a lei divina:
Com elles, sempre combina!
— Em serviço de seu amo
Finge um cuidado, um amor,
Que passa mesmo a furor.
Em voz alta ordena, ralha,
Dando a todos sota e az,
Aqui faz, alli desfaz;
Serviços d'outrem — qual gralha,
Se attribue, o tal marmelo,
E os impinge — por *desvelo*.
Em *serviços* não socega.
Os que fez, e os que não fez,
Por cada serviço tres,
Augmenta — e todos allega.
Seu proprio amo apoquenta,
Com serviços que lhe inventa,
O mofino alma — barrenta.
Já, se o vê ir de passeio,
E que outra cousa não póde,
Com disfarçada maneira
A casaca lh'empoeira,
E o que suja, eil-o sacode!...
Serviçal a toda a hora,
Genuflexo noite e dia,
E tudo — quem tal diria?
Por ver se o *logar* melhora.
Caminha por mil rodeios,
E o que menos põe á vista
Esse é o fim: — o mais são meios.
Qual sagaz contrabandista,
Que a fazenda lança ao mar,
Mas depois tanto trafêga,
Tanto, tanto co'a *rocêga*,
Que lá mesmo a vae buscar;
Assim o servil emprega
Manha, com que o amo embaça,
Recolhendo nova graça.
O servil em fim... lançando
No mesmo cadinho, os tres,
Cada um por sua vez,
O cortezão, em primeiro,
Em segundo, o adulador,
E depois o lisongeiro;
Se tudo fundido for,
Liquido á parte, e vapor,
A escoria d'esse tal mixto
Dá o servil — que é só isto.
— Eis-aqui, mas de perfil,
Um esboço do servil.
Retrato, de corpo inteiro,
De frente — pintando as mil
Infinitas variações
De todas suas feições;
Daguerreotypo gigante,
Que lhe pozessem diante,
Nem esse o dava perfeito.
Contaram-se, a melhor geito,
Os raios do sol brilhante,
Do que as manhas do tratante.

J. DA C. CASCAES.

PARABENS Á INSTRUCÇÃO PUBLICA.

O 27 de junho d'este anno ficou assignalado como dia para sempre fausto nos annaes da Associação, que Deus prospere, promotora da educação popular.

A sua primeira eschola recebeu a primeira visita do primeiro homem de Portugal.

O tempo está de primavera; o sol de gala; o modesto edificio quasi que se esquece de o ser com o seu alvoroço: ornou-se de flores, orna-se ainda melhor das suas cincoenta mulheres em botão, todas enfeitadas de aceio, todas resplandecentes de alegria, todas pelo carinho inspirativas de mil affectos.

Como irmãs de todas ellas, as mestras, em todo o viço da mocidade, sazão bemdita pela fé, pelas forças, e pela amabilidade para as santas lidas do ensino infantil, distribuem-lhes os ramilhetes com que hão de juncar o caminho aos augustos, aos sus-

pirados Visitadores. Nada mais previnem; da compostura, do respeito, do agrado com que ellas os hão de acolher no seu viveiro de amores, nem pelo pensamento lhes passa duvidarem.

A Associação é representada para este acto pelo seu presidente Castilho, pelo seu secretario Tullio, pelo seu thesoureiro Mendes, pelo vogal do seu conselho administrativo Gonçalves, e pelos do seu conselho de instrucção Cabedo, Baptista Joaquim, e prior de Santa Isabel. Esta Commissão recebe, ao apearem-se do coche, Suas Magestades o Senhor D. Pedro, e a Senhora D. Estephania, que vem seguidos da senhora Oeynhausen Alorna D Henriqueta,e dos senhores conde de Linhares, D. Carlos de Mascarenhas, e Pinheiro das Chagas.

Os soberanos, com a benevolencia a trasbordar-lhes pelo semblante, sobem, seguidos da sua comitiva e dos socios, por entre duas alas de alumnas, que lhes espargem diante dos passos profusão de rosas. Nunca houve um subir para palacio por entre mais formosas renques de vasos floridos, nem por cima de alcatifas mais vistosas.

Sentados em seus espaldares El-Rei e a Rainha, toma venia o presidente da Associação, para se assentarem as meninas, e se proceder seguida e ordenadamente aos exercicios escholares.

Então, obedecendo aos desejos e á ordem de Suas Magestades, depois de lhes agradecer a assignalada mercê que estão liberalisando a todas as escholas portuguezas consubstanciadas n'esta, e a tanto futuro de civilisação nacional, como os que n'esta hora germinalmente se contém, expõe as bases philosophicas do novo ensino, a deducção concatenada de suas partes, a necessidade, a indispensabilidade, a provada vantagem de todas ellas, desfaz duvidas, refuta preoccupadas e antigas objecções, demonstra, sobre tudo, *a priori*, e tem a fortuna de poder confirmar com provas vivas e presentes, estes pontos capitalissimos: que o melhor caminho para a memoria é o entendimento; o expediente mais seguro para a attenção, a clareza; o attractivo mais irresistivel para a vontade, o muito affecto; em fim: que nas escholas pelo methodo portuguez, e só n'ellas, se póde observar o phenomeno, ainda que novo, naturalissimo, da alegria combinada com o acatamento, do recreio entrelaçado com o trabalho, da satisfação simultanea e harmonica ás exigencias do coração, do espirito, e do corpo.

Estas theorias em acção, ou estes exercicios didactico-pedagogicos, intercalados e illustrados dos respectivos commentarios, fazem voar não contadas tres largas horas, durando as quaes, e ao cabo das quaes principalmente, Suas Magestades não dissimulam que a satisfação geral senhoréa não menos os seus reaes animos.

Suas Magestades escrevem no album da eschola com penna de ouro ornada de amores perfeitos palavras de amores perfeitissimos, e não menos de ouro.

O amigo das crianças, o auctor do methodo portuguez, depois d'esta auspiciosa visita, que Suas Magestades prometteram reiterar, foi abraçado entre mil parabens com lagrimas de enternecimento pelos seus verdadeiros amigos alli presentes, e depois felicitado por todos, e até por desconhecidos. Com razão: o seu martyrio de annos, e tantos annos, terminára alli por uma subita ascensão á gloria.

Não ha nada que mais contribua para a felicidade da vida do que a amizade; bem como nada que tanto perturbe o repouso como os amigos, se não tivermos o preciso discernimento para os escolhermos.

A EXISTENCIA DE DEUS.

Suscitou commigo Eurinda
Sublime disputa um dia,
Qual a existencia d'um Deus
Com mais razões provaria.

De repente sem fallar,
Confundi Eurinda bella;
Ella apontou para o sol,
Eu apontei para ella.

ANTONIO CIRO PINTO OSORIO.

LOGOGRIPHO.

Bem que é perola a primeira,
Jámais com joias se liga;
Não serve a pescoço ou pulsos,
Serve sómente á barriga.
Quem faz a terceira ás cousas,
Em que importa haver segredo,
É velha de soalheiro,
De que se deve ter medo.
Quando a quarta se profere,
Com certo signal de mão,
E porque então se deseja
Pôr termo á conversação.
Como a primeira e segunda,
Vae-se depressa e direito.
Com a segunda e primeira
Faz um pote pouco geito.
Co'a terceira e quarta juntas,
Mostro que a cousa é remota.
Com o fim ao principio unido,
Se dá duração á bota.
Caixa d'assucar vazia
Pesa a ultima e segunda.
A segunda, ao fim ligada,
É uma alimaria immunda.
O comêço co'o remate,
Se os tomarem bem ligados,
Houve tempo em que assentavam
Na barriga aos empregados.
Uma, duas, tres e quatro,
Para pôr termo á charada,
Designa qualquer pessoa
Que não cogita em mais nada.

Explicação do enigma do numero antecedente.

Os homens são grandes crianças, disse um sabio.

CALENDARIO PAGÃO ROMANO, E CHRISTÃO PORTUGUEZ, PARA A SEMANA QUE DÁ PRINCIPIO EM 10 DE JULHO.

ROMANO.	PORTUGUEZ.
10 de julho (VI dos Idos) Jogos apollinares.	N. Sr.ª do Patrocinio. S. Januario e seus comp. MM. S. Amelia V. A. B. Joanna Escopeli C. Princ. a Nov. de S. Justa. Dia do nome de S. M. I. a Sr.ª duqueza de Bragança. Peq. gala.
11 de julho (V dos Idos) Jogos apollinares.	S. Pio, P. M. S. Sabino. Trasladação de S. Bento.
12 de julho (IV dos Idos) Jogos apollinares. Nascimento de Julio Cesar.	S. João Gualberto, Ab. S. Nabor e S. Felix MM.
13 de julho (III dos Idos) Jogos apollinares.	S. Anacleto, P. M. Faz annos a Ser. Sr.ª Princeza D. Leopoldina do Brazil.
14 de julho (Vespera dos Idos) Festa da fortuna feminina, o *Merkato*, ou festas mercuriaes que duram seis dias.	S. Boaventura. B. Cardeal. F.
15 de julho (Idos) Castor e Pollux; jogos equestres.	S. Camillo de Lelis. S. Henrique, Imp. O B. Ignacio d'Azevedo Portuense e seus 39 comp. MM. Festa na Magdalena a S. Camillo de Lelis. Faz annos S. M. F. a Rainha. Grande gala. Cortejo.
16 de julho (XVII das Calendas de agosto.) Aponta a constellação do cão. Jogos francicos.	Triumpho da Santa Cruz. N. Sr.ª do Carmo. S. Sizenando M. O B. Ceslão D. Festa a N. Sr.ª em S. Nicolau, nas religiosas de S. Alberto e no conv. da Estrella.

LISBOA — Typographia de Castro & Irmão, Rua da Boa-Vista 4 P.